

ELIZABETH LETTS

O CAVALO
PERFEITO





ELIZABETH LETTS

O CAVALO PERFEITO

*A incrível missão de salvamento
dos cavalos puros-sangues
sequestrados pelos nazistas*

TRADUÇÃO
Fátima Mesquita



© Elizabeth Letts

Esta edição foi publicada com autorização da Ballantine Books, um selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC. Todos os direitos reservados.

| | |
|--|---|
| Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i> | Capa <i>Rafael Nobre</i> |
| Diretora comercial <i>Patth Pachas</i> | Projeto gráfico <i>Vanessa Sayuri Sawada</i> |
| Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i> | Diagramação <i>Victor Malta</i> |
| Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i> | Revisão técnica <i>Cesar Campiani</i> <i>Murilo Tartoni</i> |
| Assistente editorial <i>Olivia Tavares</i> | Preparação <i>Ronald Polito</i> |
| | Revisão <i>Marco Syrayama</i> <i>Beatriz de Freitas Moreira</i> |
| | Impressão <i>Gráfica Santa Marta</i> |

CIP — BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Letts, Elizabeth

O cavalo perfeito: A incrível missão de salvamento dos cavalos puros-sangues sequestrados pelos nazistas / Elizabeth Letts; tradução Fátima Mesquita. – 1. ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2018. 368 pp.

Tradução de: The perfect horse: The daring U.S. mission to rescue the priceless stallions kidnapped by the nazis
Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-52944-01-0

1. Estados Unidos. Exército. Regimento de Cavalaria, Mecanizado, 2º – História. 2. Guerra Mundial, 1939-1945 – Confisco e contribuições – Estados Unidos. 3. Guerra Mundial, 1939-1945 – Confisco e contribuições – Alemanha. 4. Guerra Mundial, 1939-1945 – Áustria. 5. Cavalo lipizzaner – Áustria – História – Séc. XX. 6. Cavalo árabe – Polónia – História – Séc. XX. I. Mesquita, Fátima. II. Título. Bibliotecária: Meri Gleice R. de Souza – CRB-7/6439

18-47940

CDD: 940.54
CDU: 94(100) "1939/1945"

2018

Todos os direitos reservados à Livros de Guerra.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Este livro é dedicado ao único membro da
minha família que serviu em uma guerra:
W. Jackson Letts, segundo-tenente,
Exército dos Estados Unidos, Coreia.*

*À memória de J. Spencer Letts, capitão
da reserva, Exército dos Estados Unidos;
Vern Carroll, capitão, U.S. Marine Corps,
Coreia; Verny Carroll, comandante,
Marinha dos Estados Unidos, Primeira e
Segunda Guerra Mundial.*

*Aos homens do 2º Regimento de Cavalaria e
suas famílias, e a todos os cavalos
que morreram em combate – que nós
honremos seu sacrifício.*

CORAGEM É ESTAR MORTO DE MEDO...
E MESMO ASSIM SUBIR NA SELA.

JOHN WAYNE

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------|----|
| Lista de personagens | 10 |
| Mapa da Europa Central em 1938 | 12 |
| Prológo: Bombardeio | 15 |

PARTE 1. OS EUROPEUS

| | |
|--|-----|
| Um improvável atleta olímpico | 21 |
| O máster de todos os cavalos | 30 |
| O príncipe polonês | 44 |
| O império de Rau | 56 |
| A Spanische Hofreitschule de Viena | 64 |
| O haras oculto | 81 |
| A escolha de Podhajsky | 97 |
| Cavalos em perigo | 107 |
| A fuga | 117 |

PARTE 2. OS NORTE-AMERICANOS

| | |
|---|-----|
| Máquina <i>versus</i> cavalo | 129 |
| Um comandante sem cavalo | 144 |
| O general mais combativo dos Estados Unidos | 153 |
| Duas mãos e um Coração Púrpura | 162 |

PARTE 3. A MISSÃO

| | |
|--|-----|
| Fechando o cerco | 175 |
| As fotografias | 187 |
| O plano | 198 |
| Vestido como um plenipotenciário | 205 |
| Mudança de ideia | 214 |
| Lessing no comando | 219 |

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Os tanques se aproximam | 226 |
| A queda | 232 |
| Os norte-americanos | 240 |
| Os generais | 246 |
| A mais louca caravana do mundo | 258 |
| O adeus aos lipizzans | 269 |

PARTE 4. DE VOLTA PARA CASA

| | |
|--|-----|
| Os supercavalos são nossos | 279 |
| A partida | 289 |
| O cavalo sem cavaleiro | 297 |
| O desfile da vitória | 301 |
| Encontrando um lar | 305 |
| Os órfãos da Guerra | 311 |
| O leilão | 317 |
| A rosa da viúva | 322 |
| A festa de aniversário | 328 |
| Um cara danado de bom | 331 |
| Os veteranos | 337 |
| A Spanische Hofreitschule hoje | 339 |
| | |
| Epílogo: O que aconteceu com eles? | 341 |
| Nota sobre fontes e nomes de lugares | 350 |
| Agradecimentos | 352 |
| Referências bibliográficas | 355 |
| Crédito das imagens | 365 |
| A autora | 367 |

LISTA DE PERSONAGENS

OS EUROPEUS

ANDRZEJ KRISTALOVICH (ANDRZEJ KRZYSZTALOWICZ): diretor do haras nacional da Polônia.

RUDOLF LESSING: veterinário do Exército Alemão alocado no haras Hostau, Tchecoslováquia.

ALOIS PODHAJSKY: austríaco diretor da Spanische Hofreitschule (Escola Espanhola de Equitação) de Viena.

GUSTAV RAU: alemão expert em cavalos. Chefe do programa de equinocultura do Terceiro Reich.

HUBERT RUDOFSKY: nascido na República Tcheca, mas descendente de alemães. Diretor do haras de Hostau, Tchecoslováquia.

JAN ZINIEWICZ: chefe dos cavaleiros do haras nacional da Polônia.

OS NORTE-AMERICANOS

MAJOR JAMES PITMAN: formado em West Point, apaixonado por cães e cavalos. Oficial executivo do 42º Esquadrão do 2º Regimento de Cavalaria.

TENENTE WILLIAM DONALD "QUIN" QUINLIVAN: homem de carreira da Cavalaria designado para o 42º Esquadrão do 2º Regimento de Cavalaria.

CORONEL CHARLES HANCOCK "HANK" REED: nascido na Virgínia, especialista em cavalos, oficial comandante do 2º Regimento de Cavalaria.

CAPITÃO FERDINAND SPERL: nascido na Suíça, naturalizado cidadão dos Estados Unidos. Interrogador designado para o 2º Regimento de Cavalaria.

CAPITÃO THOMAS STEWART: filho de um senador do Tennessee. Oficial de Inteligência do 2º Regimento de Cavalaria.

OS CAVALOS

LOTNIK: garanhão cinza árabe nascido na Polônia.

NEAPOLITANO AFRICA: garanhão lipizzan austríaco usado em apresentações e uma das montarias pessoais de Alois Podhajsky.

PLUTO THEODOROSTA: garanhão lipizzan austríaco usado em apresentações e uma das montarias pessoais de Alois Podhajsky.

WITEZ: garanhão baio árabe nascido na Polônia em 1938. Seu nome oficial de registro era Witez II.

EUROPA CENTRAL

1938





SUÉCIA

LETÔNIA

LITUÂNIA

Mar Báltico

Leste da Prússia

BERLIM

VARSÓVIA

Janów Podlaski

Dresden

POLÔNIA

PRAGA

TCHECOSLOVÁQUIA

Hostau

Sudetos

Kötzing

Munique

St. Martin

VIENA

ÁUSTRIA

HUNGRIA

Píber

ROMÊNIA

IUGOSLÁVIA

Mar Adriático

ITÁLIA

ALBÂNIA

BULGÁRIA

GRÉCIA

UNIÃO SOVIÉTICA

PRÓLOGO

BOMBARDEIO

VIENA, ÁUSTRIA | 10 DE SETEMBRO DE 1944

A sirene estridente de anúncio de ataque aéreo estilhaçou a calma típica da velha Michaelerplatz, uma praça cravada no coração da cidade de Viena. Um pouco depois, os prédios barrocos fincados ao redor da praça estremeceram com a violência do estrondo. Viena estava sob ataque. Na área do palácio Hofburg, longe dos olhos do mundo, lá dentro dos estábulos decorados que certa vez pertenceram a um imperador, 33 majestosos garanhões brancos se assustaram, batendo os cascos e se agitando, seus olhos estatelados de medo.

Espiando para fora de sua baia, um lipizzan de oito anos se mantinha perfeitamente calmo, seu manto de pelos brancos brilhando sob a luz pálida do estábulo. As orelhas inclinavam para a frente enquanto ele tentava detectar os passos leves do seu mestre em meio ao som dos aviões que rasgavam o céu acima dele. Próximo à sua baia, numa pequena lousa preta, seu nome, Neapolitano Africa, e seu ano de nascimento, 1935, surgiam em letras perfeitas feitas com tinta branca. Um segundo depois, um senhor magro de meia-idade se postava ao lado de Africa, sussurrando palavras de conforto e pousando uma mão calorosa sobre as espáduas do animal. Alois Podhajsky só desejava uma coisa: garantir a segurança daquele cavalo. Com um movimento preciso, Podhajsky puxou o cabresto de couro polido de um gancho próximo à baia. O garanhão baixou sua cabeça e colocou o focinho sardento para dentro do arco de couro, facilitando a tarefa. Seu olhos pareciam dizer “Sei o que está acontecendo aqui. Deixe-me ajudá-lo”.

A essa altura, o pavilhão de cocheiras todo, com pias de mármore e equipamento perfeitamente organizados, corredores largos e baias bem-ventiladas, já fervilhava: tratadores com uniformes cinza agiam rápido

para colocar as cabeçadas em parte dos garanhões, enquanto cavaleiros, vestidos com culotes de camurça e casacos, faziam o mesmo com outros animais. Ao redor deles, nacos de gesso despencavam ao chão, ao mesmo tempo em que a poeira caía feito neve.

Em fila indiana, os cavalos e os homens cruzaram o amplo pátio, passaram pelo pesado portão de madeira cravado de rebites de ferro e depois se lançaram com alarde por uma rua da cidade que naquele instante se encontrava completamente deserta. Os cavalos seguiram ainda por outro conjunto de portas até um saguão. Os garanhões haviam se acalmado e não se mostravam intimidados nem empacavam mesmo quando as ensurdecedoras bombas e estampidos conseguiam apagar o som das muitas ferraduras tilintando contra as pedras do calçamento. O último a entrar no saguão foi Alois Podhajsky, ganhador de uma medalha olímpica de bronze e diretor da Spanische Hofreitschule (Escola Espanhola de Equitação) de Viena. As enormes portas de madeira se fecharam por trás dele; ali, as paredes grossas abafavam um pouco o barulho e, pela primeira vez desde que ouvira o alarme do ataque aéreo soar, Podhajsky pôde, então, respirar fundo e colocar a mão dentro da bolsa de couro que trazia à cintura, extraíndo de lá um torrão de açúcar que ele ofereceu a Africa, sentindo as cócegas que o cavalo lhe fazia enquanto lambia a palma de sua mão. Era evidente a intimidade que o cavalo e o homem tinham. Eles pareciam conversar em silêncio: o homem prometia proteção e o animal se sentia seguro, demonstrando isso com seu silêncio reconfortante.

A Spanische Hofreitschule de Viena era uma das mais admiradas instituições da Áustria. Batizada em homenagem à origem espanhola dos seus primeiros cavalos, a escola era famosa por exhibir os mais finos equinos de uma raça rara: o nobre lipizzan. Tão valiosos como qualquer obra-prima pendurada nas paredes dos museus de Viena, esses animais eram únicos, da ponta da orelha a ponta dos cascos: do manto branco feito neve, passando pela cabeça de porte aristocrático até os olhos profundos e castanhos... Não havia nada igual no mundo.

Os animais e mestres aqui amontoados estavam no meio de um turbilhão. Ao redor deles, a fúria da guerra se alastrava por todas as direções. Esses nobres cavalos haviam escapado do perigo inúmeras vezes em outras ocasiões. Já haviam fugido do exército de Napoleão e depois, de novo, durante a Grande Guerra. Todas as vezes, eles conseguiram en-

contrar um porto seguro. Mas agora, em uma guerra que tomava conta do céu e da terra de toda a Europa, para onde eles poderiam fugir? Não havia um caminho óbvio. Não havia resposta fácil.

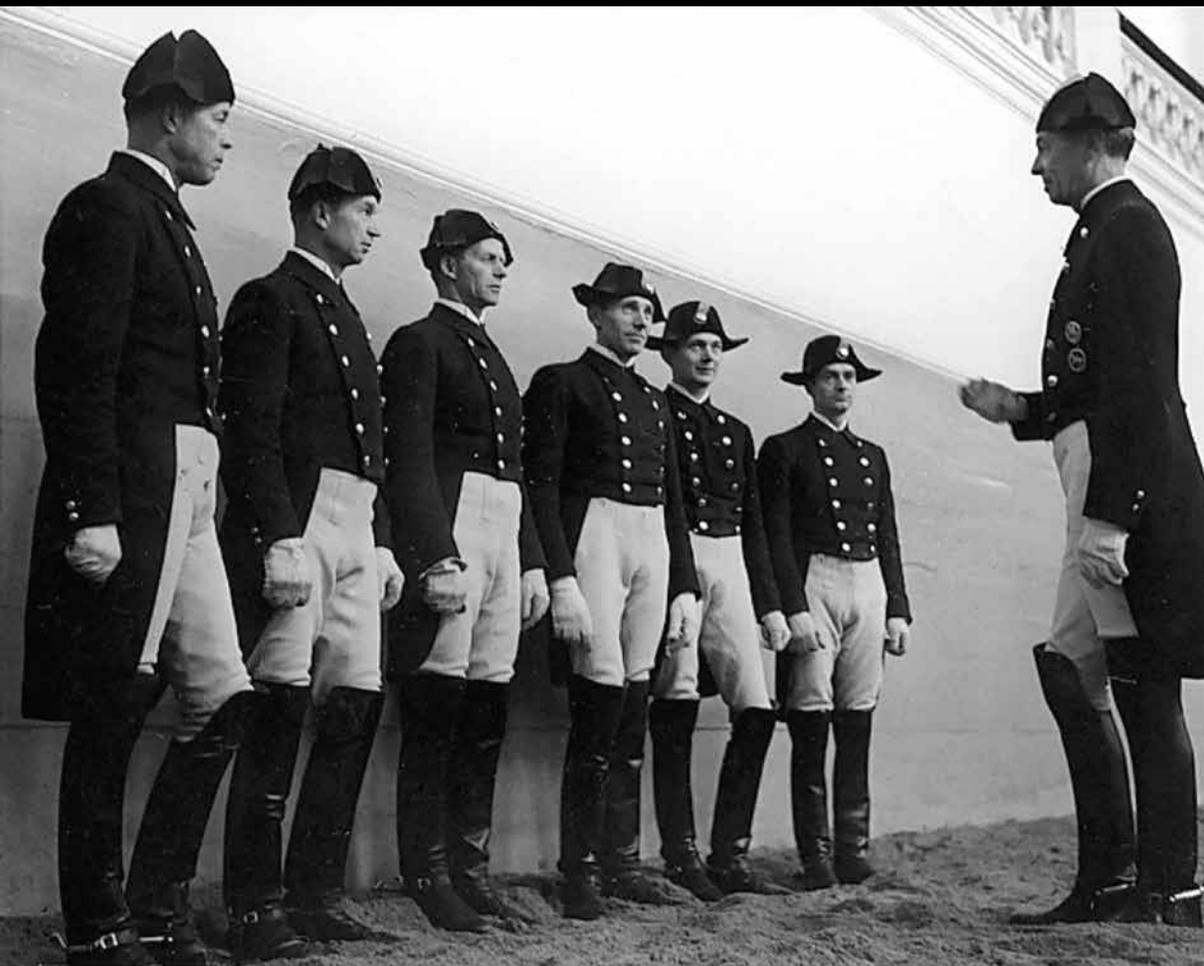
Um estrondo forte ecoou pelo edifício. Na sequência, veio um estouro ensurdecedor; estilhaços de vidro se multiplicaram bem acima deles, enquanto uma cacofonia de relinchos rasgava o ar carregado de poeira. Podhajsky e Africa se entreolharam. Podhajsky pegou, então, com convicção a guia de corda grossa, prendeu sua respiração e aguardou.

I

OS EUROPEUS

*A arte equestre, talvez mais que qualquer outra,
está intimamente relacionada à sabedoria da vida.*

— ALOIS PODHAJSKY



Alois Podhajsky dá instruções aos seus cavaleiros
na Spanische Hofreitschule de Viena.

OITO ANOS ANTES UM IMPROVÁVEL ATLETA OLÍMPICO

BERLIM, ALEMANHA | 1936

Alois Podhajsky carregava toda a preocupação do mundo no seu rosto estreito e melancólico. Tinha um olhar de poeta, voltado para dentro. Sua musa era a arte do adestramento clássico e seus versos bailavam sobre quatro patas. Podhajsky parecia que já havia nascido em cima de um cavalo. Seu torso longo e ereto não continha nenhum ângulo torto, nenhuma curva sinuosa, nada que pudesse afetar seu porte elegante. Mas bastava olhar a expressão aflita do oficial austríaco para entender que ele carregava em si uma sombra. Em 1918, depois de um grave ferimento no pescoço quando servia nas trincheiras em Flandres, ele havia ficado traumatizado. E foi a sua paixão pelos cavalos que aos poucos o trouxe de volta à vida. Contudo, a quietude profunda do guerreiro derrotado jamais o deixou.

No dia 12 de junho de 1936, ele subiu na sua montaria, Nero, pronto para entrar na arena retangular que havia sido cuidadosamente montada com toda a precisão possível no May Field, um gramado de 11 hectares bem a leste do estádio olímpico; aquele era o local escolhido para a competição de adestramento dos jogos. O fato de aquele conjunto estar em sua 11ª Olimpíada, em uma disputa contra os maiores nomes do hipismo do mundo todo, era mesmo algo improvável. Nero, um puro-sangue inglês castanho e parrudo, havia sido criado para corridas, mas mostrara-se lento, e acabou despachado para servir na Cavalaria montada. No entanto, o capão tinha ainda menos talento como carregador de soldados, e o Exército estava pronto para colocá-lo à venda quando Podhajsky decidiu que o cavalo tinha potencial, salvando-o, assim, do martelo do leilão. Podhajsky também havia sido quase rejeitado, expulso da prestigiosa escola de treinamento da Cavalaria Austríaca após um acidente que havia com-

prometido sua coluna e que o impedia de se curvar na altura da cintura. O revés o havia forçado a abandonar a sua primeira paixão: o salto. Mas sem a menor disposição para abrir mão do seu amor maior, a montaria, ele apenas mudou de modalidade, apesar de precisar de ajuda para subir à sela sobre o cavalo. Mesmo assim, ele jamais se esqueceria do dia em que, durante uma aula em 1928, seu instrutor examinou sua postura rígida e disparou: “Você não tem futuro aqui”. Podhajsky, porém, seguiu adiante, trabalhando com o animal rejeitado, dedicando toda a sua energia à arte do adestramento. Apenas três anos antes, ele havia recebido a mais alta honraria da Cavalaria Austríaca. Em 1931, Podhajsky havia sido enviado para estudar por dois anos na mais antiga academia de montaria clássica do mundo, a Spanische Hofreitschule. Os ensinamentos que ele recebeu na clássica arte do hipismo cobriam tanto a educação física como a espiritual. Os alunos dali não inscreviam seus cavalos em competições nem estavam de olho em medalhas. Eles perseguiram a perfeição como um fim em si mesmo. Foi na academia que o amor de Podhajsky pelos cavalos, pela equitação, pela vida, havia sido restaurado. Cinco anos depois de ser expulso da escola da Cavalaria, Podhajsky representava seu país nas Olimpíadas. Nero não era nem bonito nem charmoso, mas o cavalo castrado mostrava-se cooperativo e interessado, e, após vários anos de treinamento, eles se encontravam no topo do esporte: hoje, eles entravam na arena como favoritos.

Embora Podhajsky acreditasse que a tradição de montaria austríaca não tivesse rival à altura, ele sabia que muitos achavam aquele estilo coisa do passado. Um dos colegas de Podhajsky na equipe era o mais velho atleta daquela Olimpíada, tendo nascido nos idos de 1864. A própria paixão de Podhajsky pela tradição hípica austríaca havia começado na sua juventude, aos 18 anos de idade, quando ele entrou para a Cavalaria. Em pose para um retrato em 1916, vestido com o uniforme do seu regimento, ele parecia ter menos que seus 18 anos. Seu uniforme coberto de enfeites, com detalhes em pele felpuda, capacete ornado com ponteira, cheio de botões dourados, podia ser facilmente confundido com uma fantasia. Na mão direita, ele segurava um par de luvas brancas; na cintura, à esquerda, espada e bainha. Ele parecia uma criança vestida com as roupas do pai. Mas a Áustria havia perdido a Grande Guerra e o seu império, e a pompa e a tradição para as quais ele havia jurado aliança em sua mocidade

estavam praticamente desaparecidas do mapa. O que restava do grande império austríaco era sua tradição em relação à Cavalaria, e que Podhajsky ainda acreditava ser a melhor que havia. Agora era a chance de provar isso diante dos olhos do mundo.

Nero estava impecável, com a crina dividida em tranças que se misturavam a uma fita branca assentada com perfeição sobre o arco do pescoço do animal. Podhajsky também brilhava em seu uniforme oliva da República da Áustria. Era o cavalo rejeitado das corridas e seu cavaleiro, também rejeitado, que ali se preparavam para competir em um dos mais complexos e exigentes esportes que jamais existiu. De todas as modalidades equestres, o adestramento é o que requer maior disciplina. Com origens em intrincadas manobras militares desenvolvidas em tempos ancestrais, o esporte exige que cavalo e cavaleiro executem uma série de movimentos escolhidos a dedo. Assim como a dança de salão e a patinação em dupla impõem que os parceiros trabalhem juntos com perfeição absoluta, o adestramento leva o cavaleiro a executar um intrincado *pas-de-deux* com seu par, um animal de quatro patas e quinhentos quilos. Um adestramento de primeira grandeza demanda mais que habilidade; ele aciona a sabedoria interna do homem e a sua capacidade de se comunicar com a montaria na língua silenciosa do hipismo.

O picadeiro havia sido construído com exatidão geométrica sobre a grama aparada do May Field. Grandes vasos de flores foram colocados a certos intervalos pelo perímetro da arena, adicionando pontos de cor aqui e ali. Ao longe, a estrutura do estádio olímpico preenchia o horizonte, coberta por bandeiras de todas as nações. Bandeiras escarlates estampando a suástica nazista estavam por toda parte. Lá dentro, milhares de pessoas aguardavam as provas de atletismo. A multidão reunida para



Alois Podhajsky, com 17 anos de idade, vestido com seu uniforme da Primeira Guerra Mundial.

assistir à prova de adestramento, embora fosse um quarto da que cabia no estádio, empatava no quesito entusiasmo. Homens com chapéus brancos fedora e mulheres com vestidos em tons de verão povoavam as arquibancadas como se fossem confeito granulado colorido espalhado em cima de um sorvete. Podhajsky havia decorado a complexa série de movimentos que ele precisaria executar com perfeição nos 17 minutos que teria para sua apresentação. Se o seu cavalo desse um passo fora das pequenas barreiras usadas para marcar os limites do picadeiro de 20 X 60 metros, eles seriam sumariamente eliminados. Ao redor do picadeiro havia ainda pontos marcados por letras do alfabeto: se o programa especificasse que uma figura, ou movimento, fosse executado por completo em uma determinada marca, o cavalo precisaria iniciar e terminar aquela manobra assim que a bota do cavaleiro atingisse aquela letra.

No adestramento, o cavaleiro passa anos ensinando o cavalo a executar comandos que ocorrem naturalmente entre cavalos selvagens. Todo equino tem quatro andaduras naturais: passo, trote, cânter (galope curto) e galope alongado; cada um deles com uma cadência diferente. Mas em cada uma dessas andaduras um cavalo selvagem pode cavalgar com várias nuances. Por exemplo, quando ele trota, move as pernas em par, na diagonal, numa cadência de dois tempos. Um garanhão selvagem, para se exibir, às vezes transforma esse trote simples em uma obra de arte: ele recolhe sua coxa robusta por baixo do seu próprio corpo, diminui o tempo e eleva os passos, transformando a andadura de todo dia em um balé artístico. Esses movimentos exagerados são natos em certas circunstâncias, mas fazer com que um cavalo os execute sob comando requer muito tato, paciência e treinamento meticuloso. Em uma prova avançada de adestramento, um cavaleiro pode pedir que o animal dê uma *pirouette* (pirueta), ou seja, que o cavalo mantenha a garupa quase no mesmo lugar, enquanto as patas da frente desenham um círculo completo em torno deles. Ou que ele faça um *half-pass* ou apoio, com o cavalo movendo-se ao mesmo tempo para a frente e para o lado, com o corpo ligeiramente encurvado em torno da perna do cavaleiro, enquanto suas próprias patas cruzam umas às outras. Cada uma dessas ações, conhecidas como “figuras”, precisa ser introduzida aos poucos, com muito suor, em um processo que evolui passo a passo e que consome anos até ser executado a contento.

Enquanto aguardava sua vez, Podhajsky tinha esperança de que os longos anos de treinamento trouxessem resultados. Seu pensamento, de repente, voou longe e ele ouviu a voz do seu instrutor da Spanische Hofreitschule, o homem que o havia ensinado a beber da fonte das mais antigas tradições de montaria. Cada atleta presente no May Field havia treinado duro para chegar ali. Todos eles sonhavam em conquistar uma medalha olímpica. Mas Podhajsky tinha mais em jogo que o simples desejo de conquistar um prêmio: ele acreditava piamente que a comunhão entre cavaleiro e cavalo era algo a ser exaltado. Em um mundo indiferente e muitas vezes cruel, ele queria encarnar o que todos aqueles anos de treinamento paciente o haviam ensinado – disciplina, tradição, a perfeição como objetivo e uma paixão que tem forma e movimento. Ganhar uma medalha talvez fosse o resultado final do seu esforço, mas para Podhajsky era o esforço em si mesmo que mais importava.

Podhajsky levantou os olhos para observar as arquibancadas lotadas. Era muito estranho ver tanta gente reunida para acompanhar um espetáculo que de certa maneira era algo tão privado. O próprio Podhajsky comentou mais tarde: “Aplauso entusiasmado não ajuda em nada; o que precisamos é de entendimento perfeito e harmonia entre as duas peças do conjunto”. Ao treinar em sua delicada arte, Podhajsky havia aprendido a se tornar um psicólogo de animais; ele sabia que o sucesso pertencia aos cavaleiros que eram capazes de se tornar verdadeiros aliados de suas montarias. Ali Podhajsky iria montar pela Áustria, porém, mais que qualquer coisa, ele de novo tentaria adentrar em um estado quase místico de comunhão com o seu cavalo.

Enquanto Podhajsky aguardava sua vez de entrar na pista, ele observava com seus olhos bem-treinados todos os concorrentes. Ele sabia que seus maiores adversários seriam da Alemanha, que tinha a vantagem de estar em casa. Sabia também que, junto com Nero, podia competir com os melhores do mundo, mas sem se esquecer de que, do outro lado do picadeiro, estavam os árbitros internacionais, e que aquela não era apenas uma competição, mas também um complicado jogo de xadrez político.

Estavam ali reunidos 133 cavaleiros de 21 países para disputar nas diversas modalidades de hipismo dos Jogos Olímpicos de Verão de 1936. Três anos antes, o Partido Nacional-Socialista havia catapultado Hitler ao poder. Desenhados para demonstrar os ideais arianos do Partido Na-

zista, os Jogos de Berlim eram uma peça do teatro nacionalista disfarçado de olimpíada. Os nazistas, em uma jogada inteligente de propaganda, haviam camuflado para a ocasião várias políticas acintosamente antissemíticas que já estavam sendo colocadas em prática. Eles removeram, por exemplo, placas de ruas com mensagens contra judeus que existiam em Berlim e até mesmo baixaram o tom da retórica nos jornais. Mesmo assim, era fácil sentir o perigo latente e o clima de violência escondidos logo abaixo da superfície ornada.

No seu palco bastante público, os eventos de hipismo carregavam um significado particular: a competição estava aberta apenas para militares. Oficiais uniformizados montavam seus melhores cavalos em competições especialmente criadas para testar a fibra dos soldados de cavalaria. As três modalidades distintas – Adestramento, Concurso Completo de Equitação e Saltos – podiam ser facilmente vistas como cenário para uma batalha internacional em miniatura. Para marcar a sua importância, os Saltos haviam ficado com o melhor lugar: logo antes da cerimônia de encerramento dos jogos, quando os olhos do mundo observariam cada detalhe. Por séculos, os homens haviam medido sua capacidade bélica pelo valor de seus cavalos. Em Berlim, em 1936, as competições equestres eram parte de uma guerra psicológica: uma espécie de ensaio para o grande cataclismo que aguardava no horizonte.

Na extremidade da área dos árbitros, com o rosto retorcido e concentrado, estava a pessoa mais influente do mundo equestre naquele local: Gustav Rau. Dentro de um terno escuro, com a cabeça calva coberta por um fedora de feltro, Rau não tinha os membros compridos e a postura nobre de um cavaleiro, mas sua falta de classe era compensada por sua astúcia. Esse alemão de 56 anos era o cérebro por trás de cada uma das competições de hipismo das Olimpíadas. Gustav Rau havia supervisionado cada detalhe das provas de hipismo: da seleção dos juizes ao desenho das pistas, em um esforço de preparação que havia consumido dois anos. Apesar de ser um civil, ele trabalhou com a colaboração completa das mais altas patentes nazistas, em particular com Hermann Fegelein, o grande chefe da Cavalaria da Schutzstaffel (SS). Fegelein era o *protégé* de Heinrich Himmler, o líder da SS.

Gustav Rau observava quando o próximo competidor se preparava para entrar no picadeiro. Ele reconheceu Podhajsky e Nero como os vencedores de várias importantes competições que culminavam ali, nas Olimpíadas. O conjunto havia batido os maiores nomes do esporte na Alemanha. Aquela prova exigia que Podhajsky e Nero entrassem na pista em um galope alongado e que depois parassem de repente no exato ponto central do picadeiro.

Embora Podhajsky estivesse com luvas brancas, seus movimentos eram praticamente imperceptíveis quando ele puxava a rédea, dando um sinal a Nero de que eles estavam prestes a começar. A imprensa havia definido aquele ex-cavalo de corrida como “um castrado comprido e cheio de pernas, desprovido de qualquer sinal de charme ou personalidade” e, de fato, Nero era um animal nervoso e assustado que parecia ter medo da própria sombra. Mas, ao se prepararem para entrar no picadeiro, a voz do mais velho cavaleiro da Spanische Hofreitschule veio à mente de Podhajsky: “Não se aflija. O cavalo está bem”. Ele relaxou suas coxas e deixou seu peso cair sobre a sela. Depois fechou-se dentro de si, prestando atenção apenas à sua montaria. Há um adágio antigo que diz que um bom cavaleiro consegue ouvir seu cavalo falar e que um cavaleiro ainda melhor consegue ouvir seu cavalo sussurrar. Pois enquanto Podhajsky ouvia os sussurros de Nero, o mundo todo se dissolvia lá longe. Bandeiras, multidões e até seu próprio desejo de vencer se dissipavam no ar. Tudo o que restava era ele mesmo, seu cavalo e o sinal que transitava entre eles como se fosse um rádio sintonizado em uma frequência que só os dois podiam escutar. Ele tinha uma vaga noção de que havia cinco árbitros alinhados do outro lado da pista. Um da França, outro da Alemanha, Suécia, Áustria e Grã-Bretanha. Ele não notou a presença do observador alemão, Rau.

Quando o presidente do júri tocou o sino, Podhajsky e Nero entraram em linha reta e em um galope controlado, parando de maneira suave de modo que a bota de Podhajsky se encontrasse exatamente no ponto central da pista, no local que, embora não houvesse marca alguma, era conhecido como X. Nero ficou ali imóvel feito uma estátua de bronze enquanto Podhajsky tirava seu chapéu de montaria para saudar os juízes. Depois o conjunto continuou em passo livre, um movimento falsamente simples que prova a obediência perfeita do cavalo. Podhajsky sentiu que Nero relaxava,

alongando seu pescoço à medida que sentia a rédea um pouco mais solta. O cavalo parecia não notar as bandeiras esvoaçantes, a multidão de gente ou o som da torcida entusiasmada das competições de atletismo ao longe. Sem nenhuma pista evidente por parte do cavaleiro, Nero passou para um trote e prosseguiu ziguezagueando pelo picadeiro, executando sem falha alguma cada uma das figuras enquanto mais de 20 mil pessoas se inclinavam em seus assentos, como se estivessem coletivamente encantadas, sob feitiço. Nero, desinteressante e sem graça quando quieto, agora surgia esperto e muito vivo, embora seu cavaleiro permanecesse tão sem movimento que praticamente desaparecia de cena.

Por mais de um ano após o retorno do fronte em 1918, o problema com o pescoço impediu Podhajsky de falar qualquer coisa que fosse mais que um sussurro; ele estava deprimido depois da queda do grande império ao qual havia jurado servir quando ainda era jovem. Só o renascer da chama de sua paixão por cavalos o retirou, bem aos poucos, do seu poço de desespero. Agora, quando ele se aproximava do fim de sua exibição, retornando para o centro do picadeiro e parando mais uma vez naquele imaginário X para fazer uma medida com seu chapéu, o mundo parecia brilhar em cores vivas. Sua reprise havia sido perfeita e, ao descer do cavalo, as pessoas vieram em bando cumprimentá-lo, garantindo-lhe que ele iria para casa carregando a medalha de ouro. Mas Podhajsky não tinha tempo para ouvir nada daquilo. Ele tirou logo uma das luvas brancas e foi com a mão procurar um bolso cerzido na parte interna da sua jaqueta. De lá ele extraiu um torrão de açúcar, e a multidão de fãs viu, então, Nero elegantemente devorar seu prêmio da palma da mão estendida do seu mestre. Podhajsky pousou sua outra mão sobre a espádua do seu cavalo. Os dois tinham olhos apenas para eles mesmos.

Sentado na cabine dos jurados, o juiz alemão somava suas notas (cada movimento individual era julgado em separado, com alguns tendo um peso maior que outros). Quando o árbitro alemão percebeu que o austríaco tinha a melhor pontuação, ele correu para furtivamente apagar algumas marcas do seu cartão, substituindo-as por notas mais baixas.

No dia seguinte, 13 de junho de 1936, Alois Podhajsky subiu ao pódio para ver a bandeira vermelha e branca do seu país tremular contra o céu de Berlim. O conjunto havia ficado em terceiro lugar, atrás de dois alemães. Ele representava uma jovem democracia, a República da

Áustria, e havia demonstrado um dos grandes orgulhos austríacos, sua destreza equestre, para o mundo. Quando abaixou sua cabeça para receber a medalha, ele imediatamente se tornou um dos mais famosos cidadãos de seu país. Ao final, a Alemanha ganhou todas as medalhas individuais e em equipe de todos os eventos de hipismo – uma lavada geral jamais vista nem antes nem depois. Mais tarde, quando Gustav Rau escreveu o relatório oficial das competições equestres daquela Olimpíada, ele deixou claro que o resultado do incrível número de medalhas era fruto apenas da superioridade germânica, sem nenhum traço de injustiça, embora nos anais da história do hipismo olímpico os resultados de 1936 continuem sendo controversos. Sobre a exibição de Podhajsky, Rau escreveu apenas que “sua apresentação conquistou atenção”. Apesar de tudo, Podhajsky e Nero, os dois patinhos feios, ganharam o coração do mundo com seu desempenho de cisne.

Podhajsky retornou à Áustria como um herói nacional. O sucesso da equipe de hipismo da Alemanha elevou o prestígio de Gustav Rau às alturas. Nenhum dos dois sabia que seus caminhos iriam se cruzar de novo. Cada um deles tinha uma missão diferente: Alois Podhajsky seria em breve empossado como o guardião de um dos mais importantes tesouros culturais da nação. Gustav Rau viveria obcecado com a ideia de roubar esse tesouro para a Alemanha nazista.

O MÁSTER DE TODOS OS CAVALOS

NOVA YORK | 1938

No dia 8 de maio de 1938, dois meses após Hitler anexar a Áustria, Gustav Rau desembarcava do luxuoso navio alemão *Bremen* no porto de Nova York. O mais novo e estridente título de Rau era agora o de chefe do hipismo na Alemanha e mestre em cavalos, o que quase nem cabia no pequeno espaço do diário de bordo do navio para a categoria “profissão”. Desde seu triunfo em 1936 em Berlim, Rau, aos 58 anos de idade, havia assumido a postura do homem influente e poderoso que se tornara. Apesar do seu ar jovial e alegre, ele era rápido quando o assunto era encontrar pontos fracos em homens e cavalos. Quando notava falhas em animais, ele os cruzava para gerar crias melhores. Quando a falha era detectada em humanos, ele administrava socos verbais que atingiam as pessoas como um chicote em cima da garupa de um cavalo. Acompanhando Rau, estava sua esposa, Helga, uma bem-sucedida amazona, além de mais uma dúzia dos maiores entusiastas de cavalos da Alemanha. No meio do grupo se encontrava o general Curt Freiherr von Gienanth, recentemente aposentado da Cavalaria após uma ilustre carreira que incluía a direção de uma das escolas alemãs de Cavalaria (embora ele tenha sido pressionado a voltar a servir o Terceiro Reich no ano seguinte). O *The New York Times* anunciou a chegada do grupo com a manchete: “Reich equestre chega para shows”.

Apenas três anos antes, os dois países estavam em guerra, mas em maio de 1938 não havia sinal de tensão quando o navio *Bremen* atracou no movimentado porto de Nova York e a turma de homens e mulheres alemães, privilegiados e bem-vestidos, atravessou a prancha de desembarque pronta para iniciar um itinerário cheio de festividades. O grupo deu entrada no suntuoso Hotel Biltmore, em Manhattan, que se tornou a base para sua visita de 18 dias marcada por endereços ligados ao universo dos cavalos nos Estados Unidos.